

Casa da Boia 127 anos: o legado de uma vida entre continentes

Renata Geraissati Castro de Almeida
Colaboração: Diógenes Sousa
Arte: Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah





F

m maio de 2025, a Casa da Boia completa 127 anos.

Ao longo dessas décadas, nossa empresa resistiu ao tempo e às transformações de São Paulo — atravessou guerras, revoluções, pandemias, reformas econômicas e o intenso processo de urbanização da cidade — mantendo-se sempre como ponto de referência na Rua Florêncio de Abreu.

Neste mês de celebração, relembramos a trajetória de nosso fundador, Rizkallah Jorge Tahanian, um imigrante sírio que cruzou o oceano para se tornar uma figura de prestígio em São Paulo, mas que jamais rompeu seus vínculos com a terra natal.

Rizkallah nasceu em Alepo, na então Síria otomana, em 25 de janeiro de 1869. Órfão de mãe aos oito meses, foi criado por sua avó até os cinco anos, quando voltou a viver com o pai, fundidor de cobre, primeiro em Homs e, depois, novamente em Alepo. Desde cedo, aprendeu o ofício familiar, que marcaria profundamente sua trajetória futura.

Aos dezoito anos, em 1887, como filho mais velho entre oito irmãos, passou a dividir com o pai a responsabilidade pela manutenção da família. A estrutura patriarcal e a ética familiar de amparo mútuo levaram os dois a estabelecerem-se em Homs com o objetivo de incrementar os lucros do negócio. Durante cinco anos, o comércio floresceu e permitiu certa estabilidade financeira, até que, com a morte do pai, a incumbência de sustentar a família recaiu sobre Rizkallah.

Retornando a Alepo com os irmãos, casou-se em 14 de março de 1895 com Zakie Naccache, filha de um conhecido ourives da cidade, a quem já havia sido prometido por seu pai. A crise econômica da região tornava inviável a continuidade de seus negócios, deteriorando a situação financeira da família.

À época, cresciam entre os jovens árabes os relatos sobre as possibilidades de enriquecimento na América do Sul. A promessa de uma vida melhor — narrada em cartas, panfletos e conversas entre compatriotas — fez com que Rizkallah, casado havia seis meses, decidisse embarcar rumo ao Brasil, sem avisar ninguém da família. A viagem começou em Trípoli, seguiu num vapor francês até o Porto de Santos e terminou na cidade de São Paulo, onde chegou em 1895.

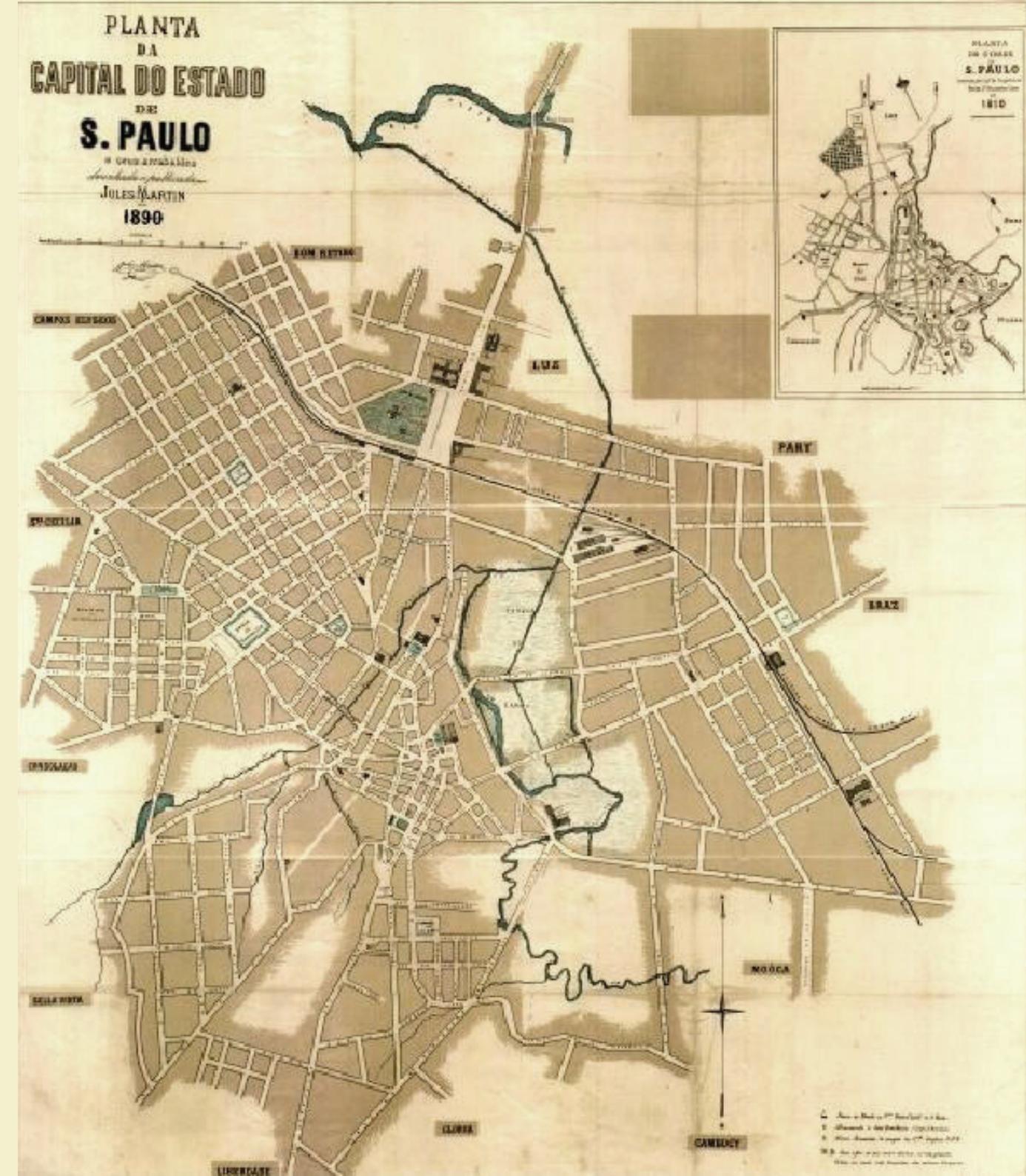
Na capital paulista, procurou uma posição que se adequasse ao seu saber técnico e, após alguns anos, fundou, em 1898, a Casa da Boia. Assim, pôde trazer sua esposa Zakie para viver consigo e construir sua família em solo brasileiro.

A Casa da Boia surgiu em um momento de grandes transformações na capital paulista — uma cidade que se modernizava, expandia seu perímetro urbano e demandava pela instalação de infraestrutura.

Atento às necessidades da cidade em crescimento, Rizkallah teve como clientes tanto o poder público quanto particulares, que encontravam em sua casa comercial “todos os objetos pertencentes à essa arte”.

Mesmo depois de décadas radicado no Brasil, Rizkallah seguia engajado nas questões de sua comunidade de origem, contribuindo com obras religiosas, instituições de assistência e doações para a população local em tempos de crise.

Retornou a Alepo em 1912, quando doou o sino existente na Igreja dos Quarenta Mártires, e novamente em 1921, quando realizou o casamento de seu filho Jorge com Maria Demargos.



Rizkallah jamais se desconectou de sua pátria de origem, e o fator étnico foi sempre preponderante em sua trajetória, o que o fez escolher se naturalizar apenas em 1928, após já estar há 33 anos na capital paulista.



Seu pedido de naturalização, realizado na efeméride dos 30 anos de inauguração do empreendimento que lhe deu proeminência, representa um marco simbólico.

Após o fim do Império Otomano, os imigrantes sírio-libaneses passaram a lidar com a necessidade de reconhecer o mandato francês sobre a região para obterem documentos, o que nem todos aceitaram. Muitos optaram por manter seu pas-

saporte otomano, que os impedia de sair do Brasil.

Com a naturalização, Rizkallah Jorge Tahan pôde retornar à sua terra natal em 1935, agora como um homem de sucesso e reconhecimento. A viagem, que se estendeu de março a dezembro daquele ano, foi mais do que um simples reencontro com suas origens; representou uma reafirmação de laços culturais, filantrópicos e familiares.

Acompanhado de sua esposa, Zakie, e do filho Salim, Rizkallah iniciou sua jornada partindo de São Paulo em 16 de março de 1935.

O jornal Correio Paulistano, em junho daquele ano, publicou a matéria "O Syrio homenageia um dos seus directores", descrevendo o coquetel organizado pelo Esporte Clube Sírio em homenagem a Rizkallah Jorge, presidente da Comissão Permanente de Finanças e Melhoramentos, e a seu filho Salim, então primeiro vice-presidente do clube. O evento, realizado no elegante Esplanada Hotel, celebrava a viagem dos dois à Síria e evidenciava o papel de destaque que Rizkallah ocupava na comunidade sírio-brasileira.

O Syrio homenageia um dos seus directores

Na vanguarda dos socio-sbenemitos, que vem apoiando as novas modificações, no E. C. Syrio, acham-se o sr. Rizkallah Jorge, presidente da Comissão Permanente de Finanças e Melhoramentos, que deverá partir a 19 do corrente, acompanhado do seu filho srs. Salim Salim 1.º vice-presidente do alvi-rubro, com destino à Síria.

Por iniciativa da direção do Clube da colônia síria, aos distintos cavaleiros será prestada uma justa homenagem, que consistirá de um "cocktail", no Esplanada Hotel, hoje, sábado, às 18 horas.

A fim de organizar esta merecida homenagem aos seus dignos sócios, o Syrio constituiu uma comissão especial, formada pelos srs. Fuad Nagib Salem e Alberto Cury, a quem deverão ser encaminhadas as adesões.

Ao aceitar-se naturalizar brasileiro, Rizkallah pode obter novamente um passaporte que lhe permitiu empreender a viagem à Síria há exatos 90 anos.

O trio embarcou pela São Paulo Railway até Santos, de onde partiram a bordo do navio Oceania com destino à Europa. A primeira parada foi em Nápoles, Itália, seguida por visitas a Roma e Pompeia. Em 15 de abril, chegaram ao Cairo, no Egito, onde exploraram as pirâmides. A jornada prosseguiu por Belém e Jerusalém, culminando na chegada a Homs e uma comitiva que se direcionou para Alepo em 21 de abril.

Homs - alep 21-4-1935



Uma grande comitiva acompanhou Rizkallah e família no trajeto Homs-Alepo, onde o filantropo foi extensamente homenageado.

Em Alepo, Rizkallah foi calorosamente recebido e homenageado por suas contribuições anteriores à cidade. Durante a Primeira Guerra Mundial, em 1916, doou 2.500 francos ao prefeito de Alepo, Bei Gháleb Katraghássi, para a distribuição de alimentos à população afetada pela guerra. Em reconhecimento a esses gestos, durante sua visita em 1935, Rizkallah recebeu uma condecoração oficial do governo sírio.

Uma imagem emblemática mostra uma multidão sentada em frente ao

Asile de Vieillards, um asilo de idosos em Alepo, em uma homenagem a Rizkallah, cuja doação viabilizou a continuidade da instituição.

Na fotografia, é possível ver a bandeira francesa ao lado da bandeira da Primeira República Síria, usada durante o mandato francês.

Em 1934, Rizkallah doou mil libras otomanas à Associação Al-Kálimah, uma revista dedicada à cul-

tura árabe que mantinha o asilo e pela qual recebeu uma medalha de mérito do governo sírio.

A "Al-Kálimah" permite entender e interpretar o papel que a filantropia adquiriu na trajetória de Rizkallah. A correspondência entre ele e os redatores da revista documenta o processo da doação. Reportagens sobre a repercussão da doação, a medalha de mérito concedida pelo governo sírio e poemas encomendados para homenageá-lo também compõem o acervo da revista.



A biografia escrita em 1934 por Fáres Dábague, presidente do Esporte Clube Sírio, reforça o reconhecimento público da figura de Rizkallah. A repercussão dessas homenagens justifica as inúmeras recepções que recebeu e o grande número de visitantes durante sua estadia.

A viagem também incluiu visitas a diversas cidades e locais de importância cultural e religiosa.



Em agosto, o grupo esteve em Hamã, onde Zakie foi fotografada diante das famosas norias (grandes máquinas de captação de água para irrigação).

Em setembro, passaram por Homs, visitando a Mesquita Khalid ibn Al-Walid. Outras paradas incluíram Antioquia, Khan Shaykhun, Becharré (cidade do poeta Khalil Gibran), Baalbek, Zahlé, Souk el Yharb, Deir Mar Jurjus e o Vale do Kadisha.

Em outubro, estiveram em Dhour el Choueir, cidade natal da família Jafet, e Broummana, no Líbano. No dia 10 de novembro, chegaram a Damas-



co, onde visitaram a Mesquita dos Omíadas, a Tekiye Al-Suleimaniyeh.

Em 14 de novembro, retornaram a Homs e, posteriormente, seguiram para Beirute, visitando as Pedras de Raouche. Embarcaram para Gênova a bordo do navio Espéria em 24 de novembro.

Após uma breve passagem por Siracusa, na Itália, chegaram a Paris em 4 de dezembro, visitando também Versailles no mesmo dia. Finalmente, retornaram ao Brasil em dezembro de 1935 a bordo do navio Neptunia.



A viagem de 1935, cuidadosamente documentada em fotos e registros, mostram cenas de habitantes locais observando com curiosidade a presença de Rizkallah e sua família, monumentos, paisagens bucólicas, cidades modernas e outras curiosas, como Salim posando em frente a uma infinidade de melancias.

Os registros sintetizam o pertencimento múltiplo ao Brasil e ao Oriente, destacando a dedicação de Rizkallah ao bem-estar de suas comunidades de origem e de adoção. Mais do que um turismo, foi um retorno — ainda que temporário — ao solo onde se formaram suas primeiras lembranças, levando consigo o reconhecimento social e o sucesso conquistado no Brasil.

Diferente de outras experiências migratórias em que imigrantes não retornam à pátria, Rizkallah Jorge nunca deixou de estar conectado com suas raízes, mas as reinscreveu ao longo da vida, atravessando oceanos e fronteiras.

Por meio da filantropia, das viagens e dos documentos preservados, buscamos entender como se constrói uma identidade transnacional, e como ela reverbera na história centenária da Casa da Boia.

Esse gesto inaugural da migração — deixar a terra natal para começar de novo — permitiu o florescimento de uma empresa que, mes-

mo diante das profundas transformações pelo comércio, indústria e pela cidade de São Paulo, ainda resiste. Rizkallah nunca rompeu com suas raízes: manteve contato com a comunidade em Aleppo, casou seus filhos com descendentes sírios, criou redes de solidariedade que atravessavam o Atlântico e cultivava esses laços como parte fundamental de sua identidade.

Celebrar os 127 anos da Casa da Boia é, portanto, celebrar esse legado de resiliência, vínculos que resistem ao tempo e uma identidade que se expande para além das fronteiras geográficas, mantendo-se fiel às suas origens. Entre caldeiras e boias, fundições e sonhos, a Casa da Boia segue como testemunho vivo de uma vida entre continentes.



Cenas da viagem de Rizkallah, sua esposa Zákie e filho Salim mostram a comoção popular que a figura do benemérito causou em Aleppo e Homs.

Catedral dos 40 mártires em
Alepo, Síria. Igreja para
a qual Rizkallah Jorge doou
a sino ainda existente.



ASA
DA
BÓIA

METAIS E HIDRÁULICA
DESENDE 1898

Diretor:
Mario Rizkallah
maio, 2025